

Maria Cecília Naclério Homem

*Cozinha e Indústria em São Paulo:  
Do Rural ao Urbano*

**USP**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Marco Antonio Zago  
Vice-reitor Vahan Agopyan

**edusp**

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plinio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero  
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas  
Chester Luiz Galvão Cesar  
Maria Angela Faggin Pereira Leite  
Mayana Zatz  
Tânia Tomé Martins de Castro  
Valeria De Marco

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana  
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

P. 95-128

**edusp**



*A presença norte-americana e outras novidades*

**A**pós a Primeira Guerra Mundial, a capital paulista passou a contar com meio milhão de habitantes, delineando-se um importante mercado de consumo<sup>1</sup>. Muitas multinacionais se estabeleceram entre nós, especialmente norte-americanas, pois os Estados Unidos se tornaram nosso maior parceiro comercial. Passaram a suprir o Brasil de um grande número de produtos, especialmente maquinismos elétricos e agrícolas, óleos, medicamentos, instrumentos dentários, máquinas para serriaria, resinas e calçados. Em contrapartida, o Brasil foi compelido a buscar novas fontes de receita na exportação, dada a concorrência das plantações de borracha no Oriente. Assim, aquele país adquiria café, carnes e manganês, arroz e feijão, embora em menor escala do que os dois artigos precedentes<sup>2</sup>.

A presença norte-americana em São Paulo se fez sentir em diversos setores. Ocorreram a instalação das linhas de montagem da Ford e da General Motors – GM, destacando-se não só os automóveis Ford Modelo T, apelidado de Ford de Bigode, como também o Caminhão T T e o trator Fordson 1918, o pioneiro. Com este, a “Ford desbravou o

1. José Ribeiro de Araújo Filho, “A População Paulista”, in: Aroldo de Azevedo (org.), *A Cidade de São Paulo: Estudo de Geografia Urbana*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, vol. 2: *Evolução Urbana*, pp. 175 ss.

2. Reginald Lloyd (dir.) e Joaquim Eulálio (org.), *Impressões do Brasil no Século Vinte: Sua História, Seu Povo, Comércio, Indústrias e Recursos*, Londres, Lloyd’s Great Britain Publishing Company, 1913, pp. 84-85.

Brasil e o mundo”<sup>3</sup>. Projetados para otimizar os trabalhos agrícolas, os tratores permitiram duas funções principais no campo: como máquinas de tração, substituíram bois e equinos para puxar arados e outras máquinas agrícolas e, como fontes estacionárias de energia, passaram a movimentar, por meio de um sistema de transmissão por correia, beneficiadoras de cereais, trilhadeiras, moinhos e outros instrumentos<sup>4</sup>.

Foram lançados no mercado produtos e marcas ainda hoje clássicos, alguns já fabricados aqui: Farinha Láctea Nestlé, Colgate, Palmolive, Aspirina Bayer, Kodak etc. Tais fatos assinalam a grande atuação da indústria e dos capitais norte-americanos, alemães e suíços no país, a mudança da propaganda, até então conhecida como reclame ou anúncio, e a assimilação do *american way of life* por parte dos paulistas, enfatizada pelo sonho criado por Hollywood. Fundaram-se diversas agências de publicidade, concomitantes às primeiras incursões no sistema de crediário. Com elas, aparece o *slogan* “A propaganda é a alma do negócio”. Em 1930, nossa indústria, além do ramo têxtil e de brinquedos, já produzia os enlatados da marca Peixe: extrato de tomate, sardinhas, goiabada, marmelada, além dos biscoitos Aymoré, refrigerantes e cervejas. Naquele ano, a Refinações de Milho Brasil começava a produzir Maizena Dureya, a qual, como vimos no capítulo anterior, era importada desde 1874. Durante a Segunda Grande Guerra, substituiu a farinha de trigo nas padarias.

Como perfumaria, destacavam-se os sabonetes Gessy e Eucalol, que concorriam com o sabonete Lever, marca inglesa, lançada no Brasil em 1932, conhecida hoje no mercado como Unilever, a qual também produzia o sabão Sunlight e os flocos Lux, para lavar roupas<sup>5</sup>.

Nesse ano, a Companhia Gessy Industrial entra no mercado na área de alimentos e passa a produzir a gordura de coco Tahy e os óleos Olivina e Dular. Com exceção do óleo Sol Levante, extraído do caroço de algodão, até então, só se consumia no Brasil banha de porco, azeite europeu e manteiga. Em 1934, chega a São Paulo a Anderson Clayton, indústria norte-americana que produzia óleos vegetais e gorduras e que, em 1948, vai iniciar a produção da pioneira margarina Saúde<sup>6</sup>.

3. “O Primeiro Trator Brasileiro”, *Revista Mundo Agrícola*, São Paulo, n. 162, 1965, caderno especial sobre mecanização agrícola, disponível em: <http://tratoresantigos.blogspot.com/2009/07/o-primeiro-trator-brasileiro.html>, acesso: 19 maio 2010.

4. “Tecnologia dos Implementos Agrícolas”, disponível em <http://www.emdiv.com.br/pt/mundo/tecnologia/1898-tecnologia-dos-implementos-agricolas.html?tmpl=c...>, acesso: 8 mar. 2010.

5. Unilever, *Gessy Lever: História e Histórias de Intimidade com o Consumidor Brasileiro*, São Paulo, Unilever, 2001, pp. 29, 33, 37.

6. *Idem*, pp. 20, 33.

Desde os anos 1920, com a intensificação das atividades industriais na cidade, assistiu-se à maior agitação da vida urbana, consoante aos *slogans* “São Paulo não pode parar” ou “São Paulo é o maior parque industrial da América Latina”. O operariado ganhou coesão e força após a grande greve geral de 1917 e a fundação do Partido Comunista do Brasil – PCB, em 1922. Politicamente, o período ficou marcado pela série de revoluções, de 1924, 1930 e 1932, e pelo direito ao voto que a Constituição de 1934 deu à mulher. Com a abertura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – FFCL-USP, nesse mesmo ano, a mulher, de preferência, a solteira<sup>7</sup>, passa a frequentá-la e compartilha do pensamento crítico que aí se forma. Para aquelas que pertenciam às classes populares, o Instituto Profissional de Ensino ensinava a lavar, passar, cozinhar e bordar.

O ano de 1929 é assinalado pela quebra da bolsa de Nova York, a qual provocou uma crise econômica mundial. Como consequência, no início da década seguinte, a economia brasileira, basicamente agroexportadora, também entrou em depressão, em especial a região Sudeste, onde se desenvolvia a cafeicultura. No Nordeste, ocorreram novas crises do açúcar e do cacau, mas, no Sul, o efeito teria sido menor porque a produção agrícola era voltada para o mercado interno. A queda das exportações teve dois desdobramentos: o início do processo de industrialização, principalmente no Sudeste, e o maior incentivo à policultura, voltada para o abastecimento interno. Esta veio acompanhada de uma significativa fragmentação das grandes fazendas de café, vendidas para que os proprietários pudessem investir na indústria e no comércio. Nesse momento, aumentou o número de pequenos e médios proprietários rurais<sup>8</sup>.

Entre aquele ano e o final da Segunda Guerra Mundial, a sociedade de massas despontava no Brasil, que já possuía 50 milhões de habitantes. Intensificou-se o êxodo rural. Pierre Monbeig, geógrafo francês, em seu estudo clássico sobre a cidade de São Paulo, analisou o momento como o de reorganização das classes sociais, em que se ampliaram os quadros da classe média, composta de profissionais das novas indústrias, funcionários da administração pública ou privada e de liberais. Essa classe, que se distancia do esnobismo cosmopolita, aceita a produção nacional e adota definitivamente o *american way of life* e, com este, o gosto pelas novidades, pelo consumo e pelo conforto

7. Os professores Anita Salmoni e Edoardo Bizzarri, que lecionaram italiano na Universidade de São Paulo, comentavam que, em São Paulo, uma jovem só ingressava na FFCL-USP se chegasse aos 30 anos sem se casar.

8. “A Agricultura Brasileira: Histórico da Concentração de Terras no Brasil”, disponível em: <http://profcmazucheli.blogspot.com/2009/10/agricultura-brasileira-historico-da.html>, acesso: 19 maio 2010.

material. Segundo o autor, a americanização do gosto penetra nas classes populares, no operariado<sup>9</sup>.

Em 1946, para os empregados do comércio ou de serviços, o governo federal cria, em todo o território nacional, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac, com o objetivo de proporcionar cursos de continuação ou práticos de especialização para empregados adultos do comércio. Fica atribuído à Confederação Nacional do Comércio – CNC o encargo de organizar e administrar as escolas, devendo conceder um determinado número de matrículas gratuitas a comerciários, seus filhos ou estudantes aos quais faltarem, comprovadamente, os recursos necessários<sup>10</sup>.

A década de 1930 é considerada a era do rádio e do nascimento da aviação comercial. Enquanto algumas companhias aéreas rasgavam os céus do país, como a Panair e a Air France, tinham início as radionovelas e os *jingles*, pequenas melodias cantadas para divulgar um produto de marca. Ao findar o período, havia 400 mil aparelhos de rádio no país. O cinema norte-americano fazia sucesso no mundo inteiro e povoava de sonhos a vida das pessoas. Em 1931, a RCA Victor exibia o primeiro televisor nos Estados Unidos, aperfeiçoado em 1934 pelos alemães e exposto no Rio de Janeiro em 1939. Esses anos marcaram a aceitação definitiva dos aparelhos eletrodomésticos de grande porte. Os anúncios traziam enceradeiras, aspiradores de pó, máquinas de passar, de lavar e de secar roupas, denominada centrífuga, todos importados. Embora já se vendesse a prestações, os preços ainda eram proibitivos para o mercado.

O equipamento da cozinha chega a 1940 trazendo heranças notáveis das décadas anteriores: a geladeira elétrica automática causara revolução. Introduzida em São Paulo em 1927, possibilitou o armazenamento e a conservação dos gêneros perecíveis, tais como carne, hortaliças, frutas, leite e derivados, além de permitir que a comida fosse preparada com antecedência. O Premier Duplex, aspirador de pó da GM, fora apresentado ao público no ano anterior, mas teve aceitação paulatina, se compararmos com a rapidez com que a geladeira elétrica penetrou nos lares. Basta dizer que a Frigidaire, marca pioneira, passou a ser sinônimo de geladeira, cuja designação, por sua vez, deriva de sua principal concorrente, a de marca GE. Em 1946, encontramos menção ao refrigerador com um congelador de maiores proporções.

9. Pierre Monbeig, "O Crescimento da Cidade de São Paulo" [trad. de Tamás Szmrecsányi], in: Tamás Szmrecsányi (org.), *História Econômica da Cidade de São Paulo*, São Paulo, Globo, 2004, p. 68 (Livros de Valor).

10. Decreto-lei n. 8261, de 10 de janeiro de 1946, disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del8621.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del8621.htm), acesso em: 18 jan. 2012, assinado por José Linhares, R. Carneiro de Mendonça e Raul Leitão da Cunha.

O sistema de liquidações e de "pagamentos facilitados" se generalizaria, constituindo importante fator no que se refere à vulgarização dos aparelhos e dos utensílios. Entre os importados, seguiam os produtos farmacêuticos, de beleza e de higiene, os automóveis e eletrodomésticos de porte, tais como as geladeiras. Ainda nos anos 1940, chega a São Paulo a agência McCann-Erickson, que realiza pesquisas de mercado e de opinião, a primeira a produzir *spots* radiofônicos gravados e *jingles*<sup>11</sup>.

Persistia a indefinição das cozinhas quanto à distribuição do equipamento. Ora este se mostrava heterogêneo, ainda que disposto em forma compacta; ora os armários de parede, superiores e inferiores, já desenhados como conjunto e dispostos de modo contínuo, deixavam os fogões fora do processo de trabalho. Também a indústria já propunha um fogão com mesa de apoio às tarefas e armário inferior, situado nas laterais do forno, destinado a guardar os pratos e os talheres<sup>12</sup>.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, uma iniciativa pioneira abria uma nova etapa na história da cozinha. Em 1937, Ernesto Igel, imigrante austríaco radicado no Rio de Janeiro, teve a ideia de engarrafar o gás para utilizá-lo como combustível de fogões e de aquecedores domésticos, a exemplo do que já se fazia em países da Europa, nos Estados Unidos e na Argentina. Para tanto, aproveitou o gás butano, deixado em reserva pelos alemães para o abastecimento dos zepelins que faziam o voo de carreira entre o Brasil e a Alemanha. O sistema de engarrafamento de gás seria dependente do fogão a botijão e do serviço de distribuição e troca desses recipientes que seriam levados pela Ultragas, Liquigás e outras congêneres, às zonas não urbanizadas. Limpo, barato e versátil, o engarrafamento do gás liquefeito do petróleo – GLP, atingiria mais pessoas do que os serviços de distribuição de eletricidade, de água encanada e de coleta de lixo ou tratamento de esgoto. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, cinquenta anos depois, 87% dos 32 milhões de lares no país dependeriam do GLP para cozinhar os seus alimentos, desestimulando o uso da lenha, do carvão e do querosene e possibilitando a limpeza das cozinhas rurais<sup>13</sup>. Mas, até lá, a indústria de fogões teria também a sua fase pioneira, como veremos adiante.

A Segunda Guerra Mundial assinalou outra etapa na história da cozinha. A cozinha elétrica da GE, apresentada nos Estados Unidos em 1942, constituiu um marco da maior importância. Transformou-se, juntamente com os centros de operação, num conjunto

11. Unilever, *op. cit.*, 2001, p. 24.

12. Siegfried Giedion, *La Mecanización Toma el Mando*, trad. de Esteve Rimbau y Suari, Barcelona, Gustavo Gili, 1978, pp. 524-550 (Tecnología y Sociedad).

13. *Os Pioneiros: GLP, Meio Século de História*, São Paulo, CL-A Comunicações, 1987 (2. ed. 1990).

concentrado, contínuo e harmonioso, o qual seria o protótipo das cozinhas fabricadas no Brasil, a partir da década seguinte, quando seriam lançados os primeiros armários suspensos de aço para a cozinha. Em termos de propaganda, também teria início uma nova era: por influência norte-americana, os anúncios salientam os benefícios que os novos aparelhos trazem para o trabalho doméstico.

Importantes descobertas preparavam a invasão dos artigos de plástico no mercado brasileiro, ocorrida a partir de 1950: a do plástico polivinil (PVC), criado em 1926, que alcançou grande sucesso nos Estados Unidos, onde, em 1945, se produziram 400 mil toneladas. Seguiram-se as criações do lastex (1934), plexiglas (1935), do nylon (1937), pelo químico norte-americano Wallace Hume Carothers (1896-1937) para a companhia norte-americana Du Pont, e do Teflon, criado em 1938 pelo dr. Roy J. Plunkett, com várias utilidades<sup>14</sup>. Nos anos 1920, a fórmica começou a ser usada para decorar superfícies, e, na década seguinte, para tampo de mesas até em paredes inteiras. Em 1946, instalava-se em São Paulo a Companhia Americana de Plásticos, representante de tintas plásticas da marca Plasticor, a ser dissolvida na água.

Datam da Guerra Fria (1945-1991) outras invenções que ajudaram a construir a vida moderna. Uma delas é o forno micro-ondas, devida ao engenheiro norte-americano Percy Spencer, em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial, produzido pela Raytheon, fornecedora militar. Outra é a construção do primeiro computador, projetado pelo exército norte-americano em 1946, novidades que só seriam comercializadas muitas décadas depois<sup>15</sup>.

Acrescentemos que, em 1943, o jovem sueco Ruben Rausing, então estudante de Harvard, nos Estados Unidos, realizou o primeiro projeto para embalagem do leite em cartão de papel. Em 1950, usou os cartões herméticos à base de cartolina forrada com plástico. No ano seguinte, fundou a Tetra Pak, em Lund, na Suécia, juntamente com Erik Wallenberg, destinada, primeiro, à comercialização do creme de leite e, em 1955, à embalagem do leite pasteurizado. Seis anos depois, surgia a embalagem do tipo longa vida, asséptica, associada à ultrapasteurização, sem necessidade de conservantes e refrigeração. A Tetra Pak Brasil, atuante em nosso país desde junho de 1957, faz parte do grupo Tetra Laval, que inclui a Sidel, empresa especializada na fabricação das garrafas

14. Robert Friedel, *A Material World: An Exhibition at the National Museum of American History*, Washington DC, Smithsonian Institution, 1988, pp. 39-47.

15. "Top Cinco Invenções Militares que a Gente Usa Diariamente", História Digital, disponível em: <http://www.historiadigital.org/curiosidades/top-5-invenções-militares-que-a-gente-usa-quase-diariamente>, acesso: 20 jan. 2010.

PET, de plástico. O novo sistema de embalagem do leite, hoje presente em 165 países, representou, juntamente com o uso das garrafas PET, a libertação dos vasilhames de vidro e das latas de alumínio, dos quais as indústrias e distribuidoras dependeram, durante longos anos, para guardar e transportar o leite e outros produtos como a cerveja e os refrigerantes<sup>16</sup>.

Paralelamente, vulgarizam-se as mudanças no conceito de nutrição. Após a Segunda Guerra Mundial, ele evoluiu do valor curativo para o preventivo, por exemplo, no que se refere à prevenção de um número considerável de moléstias, tais como o diabetes, a anemia, o câncer, a obesidade etc. No caso das doenças cardiovasculares, os principais fatores de controle são: evitar o excesso de peso, o consumo de gorduras saturadas e trans, ingerir fibras diariamente, entre outras prescrições. A prevenção alia-se à busca da melhor qualidade de vida em detrimento do sedentarismo e da falta de tempo, o que resulta na necessidade de preparo mais rápido das refeições, na conservação mais longa dos alimentos, a ser consumido em doses certas, bem como na prática de exercícios físicos. A nutrologia e a nutrição tornam-se ciências que se complementam, assim como a endocrinologia, gastroenterologia, medicina esportiva, psicoterapia, educação física e terapia ocupacional<sup>17</sup>.

#### *A simplificação do trabalho na indústria paulista e a definição da cozinha racional: 1930-1945*

O setor industrial tomou impulso graças à conscientização quanto à necessidade de diversificar a economia do país, a qual, como já vimos, estivera voltada principalmente à monocultura do café. Procurou-se fazer uma política tarifária favorável, apoiada no transporte ferroviário e na instalação do equipamento hidroelétrico com vistas ao fornecimento de energia para a indústria, estimulada pela expansão das classes urbanas e pelo crescente mercado de consumo.

Após 1930, um grupo de empresários paulistas, liderados por Armando de Salles Oliveira, criou o Instituto de Organização Racional do Trabalho – Idort, com o objetivo de responder à crise de 1929, que oprimia as instituições da época. A iniciativa foi a res-

16. Em 2006, a Tetra Pak produziu mais de oito bilhões de embalagens no país, disponível em: <http://www.tetrapak.com/br/sobre-a-tetra-pak/empresa/tetrapak-nobrasil/pages/default.aspx>, acesso: 12 fev. 2010.

17. Cf. sites <http://www.ellusaude.com.br/nutricao/historico>, acesso: 2008, e <http://pt.wikipedia/wiki/Nutrologia>, acesso: 7 nov. 2007.

ponsável pela introdução do planejamento, da pesquisa e do trabalho em nosso país que estava em franco descompasso com relação aos países desenvolvidos. Era preciso organizar a indústria de forma a combater o desperdício de tempo, de material e de energia humana, princípios formulados pelos engenheiros norte-americanos Frederick W. Taylor (1856-1915) e Frank B. Gilbreth (1868-1924), os quais também deveriam ser aplicados nos lares. Para tanto, havia necessidade de informar, formar e desenvolver organizações, tendo sido criada a *Revista Idort*, publicada até 1980. Em 1938, essa revista apresentou uma série de artigos<sup>18</sup> em que se propunha uma cozinha clara, de aspecto agradável, bem iluminada durante o dia, por meio de grandes janelas, e à noite, por intermédio de focos de luz bem distribuídos. Devia ser facilmente limpa, os móveis dispostos no sentido de reduzir a fadiga e a perda de tempo do usuário. Para tanto, contaria com uma mesa central e o equipamento bem à mão, junto ao fogão. Observou-se a importância das formas de energia, das instalações apropriadas, da higiene e da alimentação adequada, tendo como base os valores nutritivos.

Em junho daquele mesmo ano, o arquiteto Henrique Mindlin também apresentava o artigo de sua autoria: "Análise Racional do Projeto", em que falava dos três centros de trabalho da cozinha: armazenamento e conservação; limpeza e preparo; cozimento e serviço, representados pela geladeira, pia, bancada de trabalho e pelo fogão. Referia-se, a seguir, aos estudos das capacidades necessárias (considerando o número de leitos da residência) e do arranjo dos elementos componentes<sup>19</sup>. Em breve, os alunos da Escola Politécnica de São Paulo incorporaram tais ideias e trataram de analisar os projetos norte-americanos, apresentados ora em forma de I, ora em L ou em U. Estes seriam sempre compactos, objetivando-se a redução das distâncias a um mínimo possível<sup>20</sup>. Previam-se as superfícies contínuas, colocadas no nível da cintura do usuário, aproveitando-se a parte inferior e superior das paredes para a fixação dos armários. Valorizava-se a automação dos aparelhos, sempre colocados à mão, e propunha-se um espaço para a copa ou sala de almoço, que seria conjugado com o da cozinha.

Definia-se, assim, a cozinha racional: aquela que é especialmente organizada e ocupa um espaço reduzido, em vista da economia de tempo e de energia humana.

18. Albert Edward Wiggam, "A Simplificação do Trabalho", *Revista Idort*, São Paulo, pp. 121-123, jun. 1938; "A Cozinha Racional", *Revista Idort*, São Paulo, pp. 269-270, jun. 1938; e Francisco de Sales Oliveira, "A Organização das Atividades Domésticas", *Revista Idort*, São Paulo, pp. 265-266, out.-dez. 1938.

19. Henrique Mindlin, "Análise Racional do Projeto" (Método Klein), *Acrópole*, São Paulo, ano 1, n. 3, pp. 39-47, jul. 1938.

20. Frederico René de Jaeger, "Cozinhas de Hoje", *Revista Politécnica*, São Paulo, ano 35, n. 130, pp. 143-150, abr.-jun. 1939.

Deve ser clara, arejada e bem iluminada por janelas e luzes noturnas, e ter aspecto alegre. Considera os três grandes centros de atividades, apresentando-os em perfeita conexão entre si, mediante a melhor disponibilidade do equipamento e das janelas, além de relacioná-los com as peças que compõem a habitação. O trabalho será simplificado pela disposição e pela automação do equipamento. Móveis e aparelhos integram-se às superfícies contínuas e compactas, contidos todos num espaço menor e mais bem utilizado, apto a atender a necessidade de economia de passos e de movimentos do usuário. A cozinha mecanizada elétrica GE, de 1942, é um protótipo na história das cozinhas.

Mas a mecanização ainda era privilégio de poucos. Foi necessário que as hidroelétricas, as indústrias de aço e de bens de consumo duráveis se desenvolvessem no pós-guerra para que a produção do equipamento ocorresse em larga escala e se vulgarizasse, embora importantes marcas de eletrodomésticos de pequeno porte tenham despontado no Brasil durante aquele conflito. O primeiro liquidificador Walita Nêutron, totalmente produzido no Brasil, data de 1944, por iniciativa de Waldemar Clemente, engenheiro elétrico descendente de alemães, naturalizado brasileiro. O nome resulta da fusão da primeira sílaba de seu nome com o de sua esposa Lita. Waldemar também cria dois substantivos: liquidificador e centrífuga. A Turmix, eletrodomésticos suíços, é dessa época e circula pelo Brasil por intermédio da Walita. No ano seguinte, surge o ventilador desta marca, o qual foi também o primeiro a ser criado no país. A partir desse momento, são importados novos eletrodomésticos, os quais o país passa a conhecer. A Walita dividiu-se em dois setores, projetos e fabricação, e novos aparelhos surgem no mercado nacional: bateadeira de bolos, aspirador de pó, centrífuga, enceradeiras com uma e três escovas, e outros.

A Philips, sua principal concorrente, passa a ser um grande marco no desenvolvimento da iluminação e dos aparelhos de rádios, além da fabricação de eletrodomésticos<sup>21</sup>. A Arno foi criada em 1940, quando João Arnstein Arno, natural de Trieste, Itália, e naturalizado brasileiro, fundou a Construções Eletromecânicas Brasileiras Ltda. – Materiais Elétricos, que associou a outras empresas até aparecer definitivamente aos consumidores como Arno S.A. – Indústria e Comércio, em 1945. Mas os seus eletrodomésticos só seriam realidade no pós-guerra<sup>22</sup>.

Os liquidificadores substituíram as peneiras e, juntamente com as bateadeiras, formas, torradeiras, assadeiras, centrífugas e ferro de passar roupa – eletrificado desde o começo

21. "Projeto Cultural Memória Walita", disponível em: <http://memoriawalita.cjb.net/historia.htm>, acesso: 16 maio 2012.

22. Cf. <http://www.arno.com.br/#!sobre-a-arno>, acesso: 19 fev. 2013.

do século –, vieram poupar a mão de obra das donas de casa e das cozinheiras. O vidro pirex já se incorporara ao equipamento da cozinha. Criado em 1887-1893, por Otto Schott, químico alemão, logo foi comercializado. O nome pirex é marca registrada pela Pyrex Corning Glass Works, em 1915, pela qual se tornou conhecido em nosso mercado. Trata-se de um produto resistente ao calor e a baixas temperaturas, utilizado em laboratórios, indústrias químicas, utensílios domésticos, aparelhos óticos etc. Mais fácil de lavar, constituiu um dos importantes passos no sentido de permitir que os assados fossem levados diretamente ao forno e, deste, à mesa, dispensando o uso de formas, assadeiras e travessas<sup>23</sup>.

O termo racionalidade é usado no sentido de se tornarem mais eficientes e menos penosos os processos do trabalho culinário. Para tanto, conjugou-se o conforto ambiental com a ergonomia. É possível dizer que a racionalidade constitui o caráter básico da cozinha moderna, uma vez que ela visa à programação do espaço para seu melhor aproveitamento, assim como do equipamento disponível, objetivando facilitar ou agilizar as operações culinárias.

23. Cf. <http://www.fazfacil.com.br/matinais/vid>, acesso: 29 maio 2012.

## O Pós-Guerra e a Indústria Nacional



### IV

#### *O nascimento da cozinha moderna*

Neste período, as importações de eletrodomésticos foram substituídas pelo processo de industrialização nacional, entre outros motivos, devido ao novo impulso dado à indústria mecânico-metalúrgica. Esta resulta da criação da primeira siderúrgica de porte no país, a usina de Volta Redonda. Ao mesmo tempo, surtia efeito o processo energético brasileiro. A hidroelétrica de Paulo Afonso foi inaugurada na Bahia e, em Minas Gerais, a usina de Três Marias. Em 1954, a usina de Parnaíba passou de hidroelétrica à usina elevatória Edgard de Souza. No ramo financeiro, o capital norte-americano mantém-se presente nos principais setores dessa atividade econômica no Brasil, ao lado do inglês e do holandês, então sócios na Unilever, que vão adquirir suas concorrentes nacionais e estrangeiras: a Gessy e a Anderson Clayton.

A ampliação do parque industrial, começando pela instalação das indústrias automobilísticas e subsidiárias, no Grande ABC paulista, atraiu parte dos habitantes e trabalhadores do campo para a cidade de São Paulo, o que levou ao crescimento demográfico e de setores da economia, como do mercado de mão de obra, da rede bancária, do comércio e das demais atividades ligadas à prestação de serviços, em detrimento da rede de infraestrutura urbana. Se diminuiu a imigração estrangeira, devido às dificuldades inerentes ao segundo conflito mundial, o censo de 1950 constatou, em todo o país, a migração de 30 milhões de pessoas das áreas rurais para as cidades, em busca de melhores condições de vida. De cerca de um milhão de habitantes, em 1930, São Paulo passou a

ter 2 227 512, em 1950, e quase 3 milhões no ano do seu quarto centenário<sup>1</sup>. Em 1950, a média da produção da indústria de todo o estado de São Paulo subiu de 41% do total registrado em 1928-1932, para 80%, permanecendo na capital a maior parte dessa atividade. Destarte, São Paulo mostrava-se preparada para assumir a linha de frente da economia regional e nacional.

Em 1956, onze indústrias automobilísticas já estavam estabelecidas no estado e contavam com diversos componentes nacionais fornecidos pela nascente fabricação brasileira de autopeças, observando-se a nacionalização dos motores em 1958. Em 1960, três importantes marcas iniciaram a fabricação de tratores no Brasil. A Ford lança o 8-Br Diesel, com motor de quatro cilindros da marca Perkins, apresentando nome e cores bem brasileiros. A Valmet apresentou o não menos famoso Valmet 360, e a Massey-Ferguson, o primeiro trator genuinamente nacional, o MF 50 ou Cinquentinha, com 36 cavalos de potência, batizado dessa forma em homenagem ao *slogan* de autoria do presidente Juscelino Kubitschek: “Cinquenta anos de progresso em cinco de governo”. O Brasil possuía, então, 70 milhões de habitantes, 38 milhões vivendo no campo. Mas a produção de grãos não passava de 20 milhões de toneladas<sup>2</sup>.

Doravante, teria início uma nova era da mecanização agrícola do país. Até então, todos os tratores vendidos no Brasil eram importados e muito caros, mas foram preteridos pelos nacionais, mais baratos, econômicos e de fácil manejo. A produção multiplicou-se. De 37 unidades, produzidas em 1960, no ano seguinte, o número elevou-se para 11 092. Em 1963 e 1964, os recordes foram quebrados, alcançando-se a cifra de 22 110 e 33 399 unidades, respectivamente. Trata-se dos tratores considerados “valentes”, pois até hoje são vistos com facilidade trabalhando nas lavouras, mesmo depois de cinquenta anos de fabricação. Com eles, desbravou-se o país, agora rumo a oeste. Outros tratores mais possantes foram surgindo. Considera-se que foi com o trator fabricado no Brasil que passamos da era da subsistência para a da agricultura em larga escala<sup>3</sup>.

Ao mesmo tempo, observamos o desenvolvimento de diversos tipos de indústrias: cigarros, farmacêutica, máquinas, química, plásticos e cimento. Com a última, nasceu a produção de materiais de construção, tais como a cal, o vidro, o ferro e o aço, comple-

1. Pasquale Petrone, “São Paulo no Século XX”, in: Aroldo de Azevedo (dir.), *A Cidade de São Paulo: Estudo de Geografia Urbana*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, vol. 2: *Evolução Urbana*.

2. “O Primeiro Trator Brasileiro”, *Revista Mundo Agrícola*, São Paulo, n. 162, 1965, caderno especial sobre mecanização agrícola, disponível em: <http://tratoresantigos.blogspot.com/2009/07/o-primeiro-trator-brasileiro.html>, acesso: 19 maio 2010; “Implementos Agrícolas – Guia Presidente Prudente”, disponível em: <http://www.guiapresidentepudente.com.br/implementos-agricolas.html>, acesso: 19 maio 2010.

3. *Idem, ibidem*.

mentada pela de elevadores, que se faziam representar por algumas linhas de montagem em São Paulo<sup>4</sup>. Vulgarizavam-se as formas de energia, tais como eletricidade, gás de rua, carvão, querosene e gás liquefeito. A produção de utilidades domésticas decorria das referidas indústrias de base, tendo nascido e se firmado marcas nacionais importantes como Arno, Walita, Clímax, Cosmopolita, Semer, Consul, Brastemp etc., que fariam concorrência às estrangeiras Electrolux, Frigidaire, Westinghouse, Admiral, General Electric – GE etc., algumas das quais se encontram até hoje no mercado, adquiridas pelas multinacionais em fins do século XX.

No decênio de 1950, a maioria já estava fabricando liquidificadores, aspiradores de pó, enceradeiras e painéis de pressão. A primeira panela de pressão Clock data de 1947, feita por Francisco Capuano, imigrante italiano, a partir do conserto de uma similar. Ele possuía uma pequena fundição no bairro da Mooca, em São Paulo, onde produzia baterias de cozinha e desenhava estruturas para pendurar painéis de alumínio. Estas deveriam ser bem areadas para que as donas de casa pudessem exibi-las com orgulho. Para convencê-las da importância da panela de pressão, Capuano realizava demonstrações num fogareiro elétrico<sup>5</sup>.

Por meio de uma propaganda hábil, a Walita tornou-se pioneira quanto à demonstração de seus produtos em lojas. Cinco anos depois, foi a primeira a exportar aparelhos para o Uruguai. O ferro Walita automático, com sete temperaturas diferentes, foi lançado em 1956, assim como o exaustor de vitral e o massagista portátil – assim, ela conquistou a marca de “hum milhão de aparelhos Walita nos lares brasileiros”. Em 1957, produziu aspiradores de pó, motores para máquina de costura, ventiladores Picolino e furadeiras elétricas. A Walita tornou-se popular em todo o país, uma vez que patrocinou novelas na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, e teatro na TV Tupi, em São Paulo. Nesse mesmo ano, lançou as Escolinhas Walita, para ensinar culinária, em função das quais utilizava suas últimas criações<sup>6</sup>.

A industrialização de fogões tornou-se mais intensa e regular. As primeiras fábricas surgiram de oficinas e galpões, com pequena produção inicial. Em 1940, a Fundação Brasil, secundada pelos fogões Cosmopolita, lançaria as primeiras peças a gás encanado, nas quais se esboçavam novas tendências no *design*: o corpo menor e o forno e a

4. Henrique Rattner, *Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo*, Rio de Janeiro, FGV, 1972.

5. Depoimento da dra. Yvonne Capuano à autora, a 30 maio 2012. Sobrinha de Francisco Capuano, a dra. Yvonne dirigiu a indústria Clock, pertencente à família durante muitos anos.

6. “Projeto Cultural Memória Walita”, disponível em: <http://memoriawalita.cjb.net/historia.htm>, acesso: 16 maio 2012.

estufa alinhados<sup>7</sup>. Dois anos depois, era fundada, no Brás, a Fábrica S. Pedro, de fogões e chuveiros.

A produção da Semer e as geladeiras Consul atendiam os seguimentos de menor renda do mercado. A primeira nasceu em 1946, num galpão do bairro do Belenzinho, em São Paulo, onde vinte empregados fabricaram duzentas unidades de fogão a gás liquefeito, logo no primeiro mês de funcionamento. Dez anos depois, a produção subiu para 40 mil ao ano. A Consul, fundada por colonizadores alemães, em 1950, em Brusque e em Joinville, municípios de Santa Catarina, fabricou suas primeiras geladeiras a que-rosene, a mão e a martelete<sup>8</sup>. Em 1971, ela produziria seus próprios compressores por meio da Empresa Brasileira de Compressores – Embraco. Com o tempo, esta passou a exportá-los e acabou por ser adquirida pela Brasmotor.

A fundação da Brasmotor data de 1945, em São Paulo, por iniciativa de Miguel Etchenique, empresário boliviano, sócio da Chrysler, norte-americana. O objetivo era explorar o potencial do mercado brasileiro. As operações da Brasmotor consistiam na importação de peças, linhas de montagem, comércio e distribuição de veículos automotores e de aparelhos eletrodomésticos da chamada linha branca, dirigidos para as classes A e B. Além da Chrysler, ela representava os automóveis Dodge, De Soto, Plymouth, Fargo e a própria Volkswagen.

As geladeiras importadas eram Norvegia, Alaska e White Star-Kelvinator. Contudo, em 1954, a Brasmotor criou a Brastemp com objetivo de desenvolver uma produção autônoma de eletrodomésticos. A iniciativa era tão promissora que, quatro anos depois, decidiu-se pela manutenção de apenas algumas linhas de autopeças, para dedicar-se à indústria e ao comércio de eletrodomésticos<sup>9</sup>. Em 1957, foram lançados os modelos de luxo, as geladeiras Brastemp Imperador, com 10,5 pés (300 litros), Conquistador, com 8,5 pés (250 litros), e Príncipe, com 6,5 pés (190 litros). As lavadoras e os fogões a gás dessa marca seriam apresentados na Feira Nacional de Utilidades Domésticas – UD de 1960. Na década seguinte, a lavadora Brastemp estava totalmente nacionalizada. O lava-louças, apresentado na Feira de Chicago, em 1893, seria utilizado a princípio nos hotéis e restaurantes. Aceito para uso doméstico apenas em 1950, foi lançado pela Brastemp no mercado brasileiro em 1977<sup>10</sup>.

7. Lúcia Seixas, “Uma Breve História das Máquinas de Cozinhar”, *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 5, 17 jun. 1990.

8. *O Futuro sem Fronteiras: A História dos Primeiros 50 Anos da Brasmotor*, São Paulo, Prêmio, 1996, pp. 80-81, 100.

9. *Idem*, pp. 46-47.

10. Elisabeth Wey, *A Casa de Todos os Tempos: Cozinha*, Il. de Ana Maria Wey, São Paulo, Ofício das Palavras, 2007, p. 198.

Para as *kitchenettes* e os apartamentos pequenos, fabricavam-se fogões elétricos com duas bocas, refrigeradores de quatro pés e os sofás-camas. São produzidas as cozinhas de bolso, modelo Compact, da E. R. Eletrodomésticos Ltda., no Rio Grande do Sul, unindo, num só móvel, o fogão de mesa, a pia, o armário e a geladeira.

Em 1954, a Fundação Brasil lança o modelo de luxo para gás engarrafado e, até 1969, surgiriam modelos com um novo *design*, os quais apresentaram os pés de aço e os visores transparentes para o forno<sup>11</sup>. São os casos do fogão Continental 2001, nome dado ao modelo inovador da Fundação Brasil, e de Wallig, fogão fabricado no Rio Grande do Sul.

Os periódicos destacavam as painéis de pressão Arno e Panex. Nos anos 1960 e 1970, a Arno construiu novas unidades de produção e um centro de armazenamento. A Panex surgiu em 1948 como um produto revolucionário, trazido por três irmãos libaneses que começaram com uma pequena fábrica no bairro do Ipiranga. Em pouco tempo, a panela conquistou os lares brasileiros, uma vez que proporcionava maior rapidez para cozinhar os alimentos, incluindo o feijão, o mais típico prato nacional, além de economizar combustível. A fábrica incluiu a produção de frigideiras, as quais, nos anos 1960, já eram exportadas, juntamente com as painéis, para países vizinhos. Em 1982, já instalada em São Bernardo do Campo, a empresa lançou a linha com revestimento antiaderente *Teflon* e, quatro anos depois, a Hot Line. Em 1992, a Panex incorporou a Clock; em 1996, a Rochedo e a Penedo. Essa transação fez com que investidores estrangeiros se interessassem pela empresa e, dois anos depois, a Newell Rubbermaid adquirisse todas as ações da Panex<sup>12</sup>. Completavam a relação dos equipamentos domésticos oferecidos na praça: chuveiros elétricos, secadores de cabelo, calculadoras elétricas, aparelhos de ar-condicionado e gravadores em fitas, ao lado dos rádios e das radiovitrolas. O liquidificador, a batedeira, a centrífuga e a torradeira elétrica tornavam-se presenças obrigatórias, sem falar na geladeira. O Mappin oferecia compras a prazo em até quinze prestações. Enlatados como a salsicha, a presuntada e a feijoada da marca Swift chegaram como novidades que se estabeleceram para ficar, ao lado do leite em pó importado dos Estados Unidos.

A indústria alimentícia seguiu em frente. Em 1954, a RMB começou a produzir o Óleo Mazola e, em 1961, os pioneiros caldos de galinha e de carne Knorr, considerados a vanguarda dos produtos prontos e semiprontos. Um ano depois, foi a Maionese Hellmann's, a primeira industrializada do país. A Arisco, em expansão no mercado nacional, deu sequência à linha de temperos e passou a fabricar, em 1969, a tradicional

11. Lúcia Seixas, *op. cit.*, 17 jun. 1990, p. 5.

12. “Clock é marca registrada da Panex Produtos Domésticos Ltda.”, disponível em: <http://www.clock.com.br/sobre/Default.aspx>, acesso: 16 maio 2012.

mistura da cozinha de cada dia, composta de sal, alho, cebola e salsinha, apresentada em pasta, além de outros produtos<sup>13</sup>.

De 1951 em diante, a expansão da classe média e a aspiração à melhor qualidade de vida tiveram como fortes aliados os supermercados e a televisão. Os primeiros aceleraram as vendas dos gêneros alimentícios, enlatados, carnes, frios, queijos e produtos de limpeza. A TV propiciou a entrada mais direta das ofertas de mercado nos lares. Inaugurada em 1950, ela seria o melhor veículo de divulgação em favor da indústria e do comércio. Desse modo, explodiria o consumo. A associação de grandes revendedoras com as indústrias nacionais, a exemplo do Mappin, concorreu para que os produtos nacionais fossem aceitos pelos consumidores. Vendidos a prestações, eram duas vezes mais baratos do que os importados. Em 1953, surgiria uma revista mensal especializada em decoração e arquitetura de interiores e de jardins, a *Casa & Jardim*. Criada pela Bloch Editores, o nome é tradução literal de *House & Garden*, congênera norte-americana preexistente. Desse modo, assistiu-se à vulgarização dos eletrodomésticos e ao grande impulso da indústria nacional.

#### *A vulgarização do equipamento*

Enquanto se expandia a malha urbana, a propaganda dos novos loteamentos apontava para a diversidade, o tecnicismo e a pressa que invadiram a vida moderna. Para a classe média, chegava o sonho da casa própria recheada de eletrodomésticos. O novo ritmo de vida quebrou a resistência ou desconfiança das donas de casa, que passaram a valorizar o equipamento doméstico, anunciado mediante a utilização de apelos como: facilidade, praticidade, rapidez, limpeza, saúde, beleza, prazer, conforto etc. Doravante, tais conceitos vão caminhar *pari passu*. Vejamos alguns exemplos:

*Transforme em prazer as árduas tarefas caseiras!*

Seja prática! O seu trabalho, sem dúvida, será menos fatigante se a sua copa, a sua cozinha e a despensa estiverem convenientemente apetrechadas! Visite-nos.

*Frigidaire inglesa*

Magnífico refrigerador de 4 ½ pés, de fácil lubrificação, o que lhe assegura maior durabilidade, ótimas e espaçosas divisões.

13. Unilever, *Gessy Lever: História e Histórias de Intimidade com o Consumidor Brasileiro*, São Paulo, Unilever, 2001, p. 37; [http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco\\_tcm95-107466.pdf](http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco_tcm95-107466.pdf), acesso: 19 fev. 2013.

*Batedeira elétrica para bolos e para espremer laranjas, limões etc.*

(Zuleika M. F. Alvim e Solange Peirão, *Mappin: Setenta Anos*, São Paulo, Ex-Libris, 1985, p. 127)

*Exaustor CONTACT*

para o conforto do seu lar  
aparelho fácil de limpar [...]

Cozinhas higiênicas e confortáveis:

Agora estou contente. Depois que instalei o Exaustor Contact, minha cozinha está sempre limpa, fresca e agradável. Não tem fumaça nem cheiro de frituras.

*Ela prefere PANEX*

Supereconômica: poupa combustível, tempo e trabalho, pois cozinha o feijão em 20 minutos.

*Liquidificador ARNO IV Centenário*

Moderno, funcional, características exclusivas:

novas cores: estudadas para harmonizar perfeitamente com sua cozinha

novo copo: em forma de coqueteleira

leva as receitas diretamente da cozinha à mesa

novo: Motor "super-silent", ultrapotente... 3 velocidades para todas as necessidades

nova sobretampa...

... Ela também se orgulha de ter uma das cozinhas mais modernas, completamente equipada, com todos os aparelhos elétricos, se bem que, tanto ela como a Josefina, secretamente consideram seu uso ligeiramente "desonroso". Cozinhar, assim lhe foi ensinado, dever "a mão", lenta e trabalhosamente.

(*Casa & Jardim*, São Paulo, pp. 3, 5, 7, 1953.)

O equipamento, em particular a automação, integrou-se à cozinha racional, constituindo a cozinha moderna. Assim sendo, a nova cozinha revela vínculos com a ciência, além de se encontrar totalmente apoiada na tecnologia e no projeto, realizado tanto no nível da indústria como do particular. Ao mesmo tempo, contida num espaço menor, ela pôde atender aos interesses da indústria da construção civil. A cozinha moderna desenvolveu-se em torno do fogão, da pia e da geladeira, além da janela, relacionados com outros aparelhos de pequeno e grande porte, e a determinados tipos de móveis, acrescidos da racionalização, do planejamento e da preocupação estética.

A evolução do equipamento ocorreu por etapas. Com a Revolução Industrial, articulou-se com a infraestrutura urbana – quanto à iluminação pública e particular, e ao uso do gás e da eletricidade para cozinha, assim como quanto à instalação da rede de água e de esgotos, conduzindo a água corrente para os interiores e fazendo escoar as

águas servidas. O uso dos utensílios também diz respeito à indústria de beneficiamento dos gêneros, à de embalagens, conservação e fabricação de alimentos prontos e semi-prontos, assim como à regularização do sistema de transportes. Tais fatores possibilitariam que diminuísse o número de tarefas desenvolvidas na cozinha e nos seus anexos, primeiros passos rumo à cozinha pequena, organizada, limpa e bonita, isto é, à cozinha moderna, racional.

### *As cozinhas ditas "americanas"*

Ainda na década de 1950, ocorreria a chegada do aço e do material plástico à cozinha. A Indústria Brasileira de Matéria Plástica, instalada na Lapa, começou a produzir assentos para cadeiras da marca Goyana, recomendados por suas qualidades "estéticas, higiênicas e fáceis de lavar". Numa exposição da Galeria Paulista, na rua Direita, foi mostrada uma mobília de plástico para jardim, e a Mesbla anunciava a venda de brinquedos desse material. Em 1951, foi fundada a fábrica Durex, de fitas e lixas, em Campinas. Sete anos depois, a Trol S.A., Indústria e Comércio começava a fabricar acessórios para geladeiras e congeladores como portas, bandejas de gelo, gavetas para carnes e legumes. Pelo menos mais duas indústrias datam de 1958: Plásticos Ideal S.A., para fins industriais, e a Vulcan Material Plástico S.A., para a forração de móveis e assentos de veículos. Recomendava-se o plástico por ser "flexível, elástico, super-resistente e contar com várias cores". Encontramos o seu uso em toalhas de mesa, na cobertura de assentos estofados para a cozinha e para os móveis de sala estilo palito. Falava-se em servir à americana e em "jogo americano", composto de peças pequenas, individuais, uma para cada prato, incluindo os talheres, copos e guardanapos correspondentes, novidade que procurou substituir a guarnição única.

Tais atividades criaram condições para o nascimento da nossa cozinha moderna. Foi quando a indústria do equipamento incorporou a ideia de racionalidade. Por influência norte-americana, a produção nacional desenhava a "cozinha americana". Representada pelas marcas Fiel e Securit, era composta de módulos de aço, mesa de fórmica com cadeiras forradas de plásticos Plavinil ou Vulcan, e pés de aço. Os módulos dessa cozinha aproveitavam a parte superior e inferior das paredes, obedecendo a uma medida-padrão, representada pela altura da cintura, integrando o equipamento alternado com as superfícies contínuas, a exemplo da supracitada cozinha elétrica da General Electric - GE, norte-americana. As cozinhas "americanas" eram dispostas em I, em L ou em U, ao longo das paredes, devendo a geladeira ficar perto da porta de serviço e o

fogão, da sala de jantar. No rol das inovações, a tradicional marca Cosmopolita abandona os fogões menores de aba, das cozinhas antigas, e inicia a produção na linha das "cozinhas americanas", com armários de aço e pés palito. Nelas fica patente o triângulo composto de fogão, pia e geladeira, iluminados por ampla janela. O primeiro possui seis bocas e grande forno com duas portas e visores de vidro e ocupa o centro da composição, em forma de U, sendo ladeado por superfícies contínuas e armários inferiores e superiores.

Aqui, a indústria veio ao encontro da necessidade do melhor aproveitamento econômico do espaço. Pela primeira vez em São Paulo, ele foi pensado como um todo orgânico, o qual, aliado à evolução do equipamento doméstico, provocaria notáveis modificações quanto às grandes áreas de atividades da cozinha.

Seja como for, a distribuição da cozinha ligada à vertente norte-americana não era uma desconhecida, como vimos acima. Por outro lado, mais afins com a arquitetura europeia, os arquitetos modernistas, que começaram a trabalhar nas décadas de 1930 e 1940, eram conscientes quanto à necessidade de se organizar a cozinha no sentido de possibilitar às usuárias e aos usuários a economia de passos e energia, mesmo porque a dificuldade de se contar com a empregada doméstica era cada vez maior. Mas, agora, tratava-se da vulgarização da cozinha moderna, na dependência da localização e da produção de eletrodomésticos e de utensílios afins. Doravante, ela encontraria na racionalidade o seu conceito fundamental, incluindo princípios de higiene ou limpeza, iluminação e arejamento, associados às formas de energia relativas ao cozer e à mecanização, em especial à automação, ao uso correto dos materiais e do equipamento e, finalmente, à preocupação estética. Desde os primórdios da arquitetura moderna, as cozinhas eram estreitas, em I, disposição que ainda hoje é aceita nas cozinhas planejadas. A grande bancada coberta com chapa de mármore ou de granito ficava situada ao longo das paredes repletas de armários, em vista da economia dos movimentos do operador.

As residências do período desenvolveram-se em monoblocos, isto é, perderam as edículas, ao mesmo tempo que a cozinha e os serviços mudaram de lugar. Avançaram pelas laterais ou localizaram-se na parte fronteira, próximas da rua e dos abrigos dos automóveis, enquanto os dormitórios se posicionaram, de preferência, nos fundos. Quanto aos apartamentos residenciais destinados à classe média, a maioria manteve as plantas tripartites, onde as cozinhas permaneceram na zona de serviços, na dependência dos elevadores exclusivos desse setor, sempre separadas das zonas de estar e social.

*Os anos 1960 e as UD's*

Em 1962 foi criada a Eletrobras – Centrais Elétricas Brasileiras S.A., que entrou em operação no ano seguinte, com a primeira unidade da hidrelétrica de Furnas. O objetivo era garantir o abastecimento dos centros industriais de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Nesses anos, a inflação interferiu com força total. Estamos na década do “milagre brasileiro”, com um investimento externo de US\$ 541 milhões e um empréstimo do Banco Mundial de US\$ 1 bilhão para projetos e desenvolvimento. No período de 1968 a 1973, expandiu-se espetacularmente o consumo da classe média. O crescimento industrial atingiu 13,3%. A indústria passou a produzir artigos de perfumaria e toucador a preços mais acessíveis para que as outras classes sociais também tivessem acesso. Estas já começavam a frequentar as lojas de departamentos, supermercados e os primeiros *shopping centers*<sup>14</sup>.

Evidenciou o potencial do mercado a criação da primeira Feira Nacional de Utilidades Domésticas, a UD, em 19 de março de 1960, apresentada no pavilhão de exposições do Ibirapuera. A UD mostraria sempre as últimas novidades na matéria, mesmo antes de sua venda ao consumidor, o qual, na realidade, acabou por transformá-la “na grande festa de consumo da cidade”<sup>15</sup>. Nessa década, a maior novidade foi o lançamento da máquina de lavar louça, em 1963<sup>16</sup>. Verificou-se que os eletrodomésticos davam *status* às famílias, além de se tornarem imprescindíveis na vida cotidiana. Ao lado de um automóvel na garagem, era importante ter uma geladeira na cozinha, uma vitrola e uma TV na sala.

Com referência às cozinhas, generalizava-se a expressão “cozinha funcional”, para designar a cozinha completa e compacta, de fácil manejo e limpeza. A cozinha colorida tornou-se a última palavra. Finalmente, em agosto de 1962, a capa da revista *Casa & Jardim* é uma foto de cozinha, apresentando mais 26 páginas dedicadas ao assunto. A fórmica passava a revestir os armários, recurso consagrado por ser mais higiênico, enquanto a Brastemp iniciava a fabricação de fogões com mais de quatro bocas, a exemplo do norte-americano Kenmore, marca representada no Brasil pela antiga loja Sears, Roebuck and Co. Aparecia também a utilização das chapas Duratex e Eucatex nos armários

14. Contudo, houve “o aumento da concentração de renda, no país, o achatamento do salário mínimo e o abandono dos programas sociais [...]”. Ao ‘milagre econômico’, sobreveio a inflação dos anos 1980 e, com ela, um freio brusco no crescimento das vendas”. Unilever, *op. cit.*, 2001, p. 34.

15. Mônica Brandão, “As Estrelas da Grande Festa do Consumo”, *Veja São Paulo*, São Paulo, ano 30, n. 13, ano 30, pp. 12-16, 31 mar.-6 abr. 1997.

16. Célia de Gouvêa Franco, “Feira Mudou Hábitos de Brasileiro”, *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1999, Especial UD – 50ª Feira de Utilidades Domésticas, p. 6.

embutidos, material indicado para absorver o calor, o frio e o barulho. Entre as novidades, a Real iniciava a fabricação das formas de porcelana refratárias e, falando-se de alimentação, os churrascos e grelhados podiam ser preparados de modo elegante, na própria mesa de jantar, por intermédio do Grill Spam de Luxe.

Em 1967, o governo militar reestruturou a Zona Franca da Amazônia, com sede em Manaus. Criada dez anos antes, doravante receberia uma série de incentivos fiscais, estabelecendo-se uma área de livre-comércio, de importação e exportação. Aquela capital passou a receber turistas de outras regiões do país, ávidos de conhecer não tanto a floresta e sim as novidades em eletrodomésticos. O supermercado da Booth Line & Cia. Ltda. tornou-se a maior atração da cidade. Desse modo, aumentou o leque de opções quanto ao equipamento doméstico, em especial da cozinha. Temos a cozinha totalmente eletrificada, em vista não só da geladeira e da máquina de lavar pratos como também dos aparelhos de pequeno porte, entre os quais se incluem exaustor, liquidificador, torradeira, bateadeira etc., que podem ser utilizados simultaneamente<sup>17</sup>.

Por outro lado, a decoração e a escolha dos materiais passaram a ser feitas com o maior cuidado. As cozinhas coloridas eram as preferidas, predominando a gama do marrom. As paredes e o piso revestiam-se de azulejos com motivos coloniais ou rústicos e os armários de madeira, em sua cor natural, embutiam pias e fogões. Em 1963, nascia a Kitchens, pioneira na área das cozinhas planejadas para as classes de maior poder aquisitivo. Em plena era dos fogões de pés aparentes, ela separou o forno do fogão, embutindo o primeiro na parede e encaixando o segundo em móvel tipo mesa. Introduziu o modelo norte-americano Chromalox e passou a fabricar os acessórios em madeira. As zonas de trabalho (bancadas de pia e armários), bem como a cobertura da mesa onde se preparam os alimentos, deviam ser bastante resistentes. A Kitchens assumia a produção com desenho personalizado e a comercialização. Em pouco tempo, abria lojas em todo o Brasil, surgindo congêneres que apresentaram novidades e diversas opções para os usuários, tanto com relação ao estilo quanto considerando o maior aproveitamento do espaço. Predomina aqui, uma vez mais, a fórmica, depois o mármore, o granito e, nas pias com bancadas próprias, o aço inoxidável. A madeira maciça era usada apenas em certas superfícies.

Paralelamente, os meios de comunicação apresentavam as tendências europeias. Fabricavam-se os fogões elétricos de grande porte, a serem instalados no centro da cozinha, conjugados com prateleiras inferiores destinadas às panelas que deviam ficar bem ao alcance da mão da dona de casa. O congelador foi separado da geladeira, transfor-

17. *Casa & Jardim*, São Paulo, n. 132, pp. 32-35, jan. 1966.

mado em peça independente. A iluminação passaria a ser feita à base de lâmpadas fluorescentes e o piso em resina de vinil ou em cerâmica vitrificada. Na falta de empregadas domésticas, integrou-se a cozinha com a área de serviço, incluindo-se a máquina de lavar e uma secadora de roupa, ao lado dos demais aparelhos. Outra tendência era separar a copa da cozinha mediante um armário divisório. Esta apresentava-se “em forma retangular, disposta como um prolongamento da sala da família, lugar onde agora podiam ser feitas as refeições normais e até mesmo convidar um amigo mais íntimo para fazer companhia”. Na cozinha em L, o espaço ocupado pela mesa e pelas cadeiras substituiu a copa. Ao mesmo tempo, redesenhou-se a cozinha do apartamento *kitchenette*, transformada num conjunto agradável de armários que escondia a geladeira, o fogão e a área de armazenagem<sup>18</sup>.

Já o plástico, por ser leve, flexível, barato e menos frágil do que o vidro e a louça, foi adquirindo importância cada vez maior na cozinha. Ainda que usado fora do alcance do fogão ou do calor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que essa parte da casa, mesmo estando toda montada, não pode funcionar sem uma série de objetos daquele material ou de espuma de *nylon*. Ou seja, uma cozinha moderna só se completa quando dispõe dos mais diversos utensílios de plástico: copos, pratos, travessas, tigelas, talheres, peneiras, suportes para coar café, cafeteiras, garrafas térmicas, lixeiras, bacias, apoio para filtros de papel, caixas para se guardarem os mantimentos, sacos de lixo, caixinhas e sacos para a geladeira e o congelador, descanso para o sabão e a esponja de *nylon*, cascos de água mineral, de material de limpeza, de refrigerantes, descanso de sabão, aventais para lavar a louça e a roupa, vassouras com fios artificiais etc.

Ao findar a década, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac criou o primeiro curso técnico para a formação de cozinheiros no país, em Águas de São Pedro, São Paulo. Até então, tratava-se de uma profissão exercida por pessoas sem formação qualificada, a maioria proveniente do Nordeste.

### Os anos 1970

Nesse período, importantes acontecimentos assinalaram a história da alimentação, no tocante às formas de energia, à indústria de bens duráveis e ao comércio de gêneros perecíveis. O setor de embalagens e o de produtos de uso doméstico também apresenta-

18. *Idem, ibidem.*

ram uma série de novidades, enquanto ocorria a multiplicação do número de mercados, dos supermercados e das feiras livres. A prefeitura municipal criaria, ainda, os sacolões, tipos de feiras fixas montadas em espaços fechados, que viriam ao encontro do aumento do consumo, chegando até as periferias.

Cresciam os centros urbanos do país e o sistema de comercialização de hortifruti-granjeiros, pescados e outros alimentos perecíveis mostrava-se obsoleto. Era uma atividade marginalizada, que acontecia nas ruas, no momento em que os mercados tradicionais se tornavam precários. Em 1971, surge o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento – Sinac, com a criação das Centrais de Abastecimento S.A. – Ceasa e dos Mercados Satélites, programados pelo governo federal pela lei n. 5 727, de 4 de novembro daquele ano, dentro da política de modernização da empresa nacional privada e pública quanto à tecnologia, à capacidade gerencial, à inovação tecnológica etc.<sup>19</sup> Tratava-se de empresas de capital misto, cuja função básica era permitir que os pequenos produtores rurais pudessem comercializar seus produtos com maior facilidade, eliminando intermediários desnecessários.

As iniciativas proporcionaram a melhor distribuição dos gêneros, em conformidade com a valorização crescente dos alimentos frescos e da maior facilidade de armazenamento. Tais sistemas facilitaram a vida urbana moderna, uma vez que possibilitaram a concentração de uma variedade de mercadorias, desde secos e molhados até os gêneros perecíveis, chegados das hortas, das granjas e dos frigoríficos.

A crise do petróleo atingiu o Brasil em 1970 e levou o país a incentivar o segmento de maquinário e equipamentos agrícolas, incluindo a produção de máquinas movidas a combustíveis alternativos. Cinco anos depois, foi criado o Programa Nacional do Alcool – Pro-Álcool para a substituição, em larga escala, dos derivados do petróleo, mediante a utilização do álcool oriundo da cana-de-açúcar, da mandioca ou de qualquer outro insumo, e do estímulo à sua produção, visando ao mercado interno e externo. De 1975 a 2000, foram produzidos cerca de 5,6 milhões de veículos a álcool hidratado, o que substituiu parte das importações de gasolina e evitou, nesse período, emissões de gás carbônico da ordem de 110 milhões de toneladas de carbono, economizando divisas para o país. Na década de 1980, abriu-se o cerrado para a agricultura e houve necessidade de adaptação das máquinas para o plantio direto e de produção de equipamentos

19. A lei n. 5 727, de 4 de novembro de 1971, foi regulamentada pelo decreto n. 70 502, de 11 de maio de 1972. Cf. Augusto César Lopes Josetti *et al.*, “A Pequena Produção Agrícola e Suas Estratégias de Comercialização em Campo Grande – MS”, in: XI – Eregeio – Simpósio Regional de Geografia: A Geografia no Centro-Oeste Brasileiro: Passado, Presente e Futuro, Jataí, 4-7 set. 2009, pp. 31-41.

mais robustos, que pudessem operar em escalas elevadas. No final do decênio seguinte, foi lançado o Programa de Modernização da Frota de Tratores Agrícolas e Implementos Associados e Colheitadeiras – Moderfrota, que proporcionou o aumento da produção e vendas, além da renovação de mais de um terço das máquinas agrícolas do país, conferindo-lhes maior tecnologia<sup>20</sup>.

Quanto à indústria alimentícia, a partir de inícios da década de 1970, a Arisco adquiriu outras empresas, diversificando seu portfólio nos decênios seguintes, com atomatados, caldos e sopas, amido de milho, pó para resfresco, maionese, *ketchup*, macarrão instantâneo e achocolatados. Toda a sua linha de produtos começou a ser exportada para vários países. Ainda em 1970, a antiga Gessy Lever entrou no ramo da alimentação, produzindo a margarina Dorian e, três anos depois, adquiriu os sorvetes Gelato. Em 1984, comprou a Anderson Clayton e passou a ter a 15ª posição no *ranking* das maiores empresas nacionais<sup>21</sup>.

No setor de eletrodomésticos, surgem invenções notáveis, exibidas na feira UD, antes mesmo de sua popularização: a secretária eletrônica, em 1970, a televisão em cores, no ano seguinte, o forno micro-ondas, em 1974, que se vulgarizaria na década seguinte, o telefone sem fio, em 1975, o miniforno, em 1976, e o videocassete, em 1980<sup>22</sup>. Enquanto o nosso comércio já vendia calculadoras eletrônicas e computadores, tornavam-se conhecidos os *tupperwares*, caixinhas de plásticos de diversos tamanhos, hermeticamente fechadas, usadas para se guardarem os alimentos na geladeira e no congelador, propiciando maior tempo de conservação. O plástico também se sofisticava, mediante o aparecimento do acrílico, material resistente e de bela transparência que permitiria a confecção de peças caras, especialmente desenhadas, como saladeiras, molheiras, talheres etc.

Popularizaram-se as travessas inoxidáveis e as panelas revestidas de *Tefal* e *Teflon*. Em voga até hoje nas cozinhas, essas panelas são facilmente laváveis, pois não retêm resíduos de alimentos, dispensando o uso da esponja de aço. O aço inoxidável chegou aos fogões que perderam as abas laterais e ganharam manipuladores de alumínio e portas dos fornos inteiramente feitas em vidro temperado. Os tampos de cristal deram

20. "ProÁlcool – Programa Brasileiro de Álcool", disponível em: <http://www.biodieselbr.com/Proalcohol/proalcohol.htm>, acesso: 8 jun. 2010. Adriano dos Reis Lucente e José Flávio Diniz Nantes, "Inovação Tecnológica no Segmento de Máquinas e Equipamentos Agrícolas: Um Estudo a partir das Pintecs 2000, 2003 e 2005", *Informações Econômicas*, São Paulo, vol. 38, n. 12, pp. 31-41, dez. 2008.

21. Unilever, *op. cit.*, 2001, p. 37; [http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco\\_tcm95-107466.pdf](http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco_tcm95-107466.pdf), acesso: 19 fev. 2013.

22. Célia de Gouvêa Franco, *op. cit.*, 6 abr. 1999, pp. 4, 6.

um toque mais sofisticado ao produto que chegaria aos anos 1980 como "móvel de cozinhar", transformando-o em peça importante na decoração<sup>23</sup>. Até lá, além do fogão a gás, generalizam-se o forno e o fogão elétricos sobressalentes, o forno micro-ondas, mais a máquina de lavar louças. Vulgarizou-se o uso da madeira escura na cozinha e nos banheiros.

Enquanto assistimos à multiplicação dos micro-ondas, nas casas e nos apartamentos, a cozinha e a área de serviço permanecem, de preferência, na frente das residências, ao lado do estar ou do *living*, que se conjuga com a sala de jantar. Nas cozinhas Kitchens, Florense, Conzinbel, FornoFogão e outras marcas ditas planejadas, os eletrodomésticos são embutidos em nichos, na altura compatível com o seu uso. O planejamento dessas cozinhas pretendia englobar "desde o *design*, a funcionalidade, a resistência dos materiais, até a execução e o acabamento das peças, o controle de produção rigoroso, a precisão da entrega e montagem e a eficiência da assistência técnica". Mas elas ainda giram em torno do forno, fogão, refrigerador e da lava-louças<sup>24</sup>. Ao mesmo tempo, os eletrodomésticos chegaram aos conjuntos habitacionais da periferia, ocupados por famílias de baixa renda. Em 1977, a maioria das casas contava com luz elétrica, sendo todas elas providas de aparelhos eletrodomésticos, como TV, fogão e geladeira<sup>25</sup>.

### *As duas últimas décadas do século XX*

*"Rapidez, conforto e ótimos resultados culinários são hoje as palavras-chave quando se trata de comida". Por isso, "o micro-ondas encontra-se no topo das vendas de eletrodomésticos". Brigitte Karch, Guia Prático do Micro-ondas, trad. de Maria João Filipe, Lisboa, Presença, 1993 (Habitat).*

Desde finais do decênio de 1980, confirmara-se a globalização e, com ela, uma nova fase de importações. O governo passou a intervir cada vez menos na economia. Os bens de consumo e de produção invadiram o mercado. Cresceu o número de indústrias e, com elas, os investimentos estrangeiros e multinacionais<sup>26</sup>. Por outro lado, as indústrias aqui estabelecidas já exportavam para a América Latina e para a Itália. Enquanto chegava

23. Lúcia Seixas, *op. cit.*, 17 jun. 1990, p. 5.

24. *Casa & Jardim*, São Paulo, n. 260, pp. 4-5, set. 1976.

25. Carlos A. C. Lemos & Maria Ruth Amaral de Sampaio, *Habitação Popular Paulistana*, São Paulo, FAU-USP, 1977.

26. Eduardo Monteiro Santos *et al.*, *O Brasil e Sua Inserção na Globalização*, trabalho de graduação, Niterói, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense, disponível em: <http://geoeconomicabrazil.zip.net>, acesso: 19 fev. 2013.

a Parmalat, o grupo Brasmotor, poderosa organização com vínculos norte-americanos, representava a fusão dos fogões Semer e dos refrigeradores Consul e Embraco, fabricante de compressores herméticos fundada pela Consul, em Joinville. Aperfeiçoada com tecnologia da Whirlpool, a Embraco, atualmente, instalou-se na China e na Itália.

Até princípios do século XXI, assistimos à aquisição, efetuada pelas indústrias estrangeiras, de importantes marcas nacionais, como Walita, Continental e Arno, vendidas, respectivamente, para a multinacional holandesa Philips, em 1971, para a alemã BSH Bosch, em 1994, e para o grupo francês Seb, em 1997<sup>27</sup>.

Por sua vez, os Biscoitos São Luiz, a Tostines e a Chocolates Garoto foram adquiridos pela Nestlé, a qual conseguiu, dessa forma, eliminar seus concorrentes no mercado. Exceção feita à marca São Luiz, comprada em 1967 e abandonada em 2000, permaneceram no mercado a Tostines e a Chocolates Garoto. Esta, comprada em 2002 pela companhia suíça, fora fundada em 1929, em Vila Velha, Espírito Santo, pelo imigrante alemão Henrique Meyerfreund. Trata-se, hoje, da maior indústria no gênero, no Cone Sul: em 2008, produziu 102 407 toneladas de chocolate, recorde para a América Latina<sup>28</sup>.

Em 1997, a Gessy Lever adquiriu a Kibon, líder no mercado de sorvetes. No ano 2000, a norte-americana RMB comprou a Arisco, que seria, por sua vez, absorvida pela Unilever, ainda no mesmo ano. Mas ela segue produzindo caldos, produtos *light* e mais saudáveis<sup>29</sup>. Em 2009, o grupo mexicano Mabe comprou a BHS Continental e deverá seguir produzindo em Hortolândia, São Paulo, os eletrodomésticos, como também distribuindo os importados da multinacional alemã, até, pelo menos, um determinado período<sup>30</sup>. A tendência à desnacionalização das empresas, por meio de aquisições e fusões, continuou de forma intensa. Segundo o jornal *Folha de S.Paulo*, o total desse tipo de operações foi de 799 em 2010 e, em 2011, de 751<sup>31</sup>.

27. Cf. [http://www.newcenter.philips.com.br\\_pt/standard/about/new/press/archive/article-2667.wpd](http://www.newcenter.philips.com.br_pt/standard/about/new/press/archive/article-2667.wpd), acesso: 19 fev. 2013; <http://www.arno.com.br/#!/sobre-a-arno>, acesso: 19 fev. 2013; <http://www.mabebrasil.com.br>, acesso: 19 fev. 2013.

28. Cf. <http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/7-produtos-que-mudaram-de-nome>, acesso: 19 fev. 2013; <http://www.nestle.com.br/site/marcas/tostines.aspx>, acesso: 19 fev. 2013; <http://mundodasmarcas.blogspot.com.br>, acesso: 19 fev. 2013; "Sobre a Chocolates Garoto", disponível em: <http://www.garoto.com.br/portal/nossaempresa/sobre.aspx>, acesso: 27 fev. 2013; <http://www.swissinfo-ch/po/arquivo/Nestle:Justica-brasileira-aprova-compra-da-garoto.html?cid=5860038>, acesso: 19 fev. 2013.

29. Unilever, *op. cit.*, 2001, pp. 20, 33-35; [http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco\\_tcm95-107466.pdf](http://www.unilever.com.br/Imagens/Arisco_tcm95-107466.pdf), acesso: 19 fev. 2013.

30. Cf. <http://www.mabebrasil.com.br>, acesso: 19 fev. 2013.

31. Maria Cristina Frias, "Mercado Aberto", *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 jan. 2013, Folhainvest, p. B2. Baseado na KPMG Business Magazine, o jornalista Carlos Lopes apresenta o seguinte quadro: desde 2004, nada menos do que 1 296 empresas nacionais foram absorvidas pelo capital estrangeiro, a maior parte pelos

As pesquisas realizadas em 1997 confirmavam as tendências do mercado. O controle da inflação, deflagrado pelo Plano Real, em 1994, aliado ao sistema de crediário, seriam os principais fatores do aumento do poder aquisitivo das classes de renda menor, o que orientaria a mudança do modo de vida do brasileiro no sentido do consumo. Intensificaram-se as importações, aumentou a entrada de objetos de luxo, de peças de vestuário, de produtos comestíveis e de eletrodomésticos, enquanto se ampliavam a produção nacional e as vendas dos eletrodomésticos de pequeno e de grande porte, em particular de televisores, geladeiras, congeladores, fogões e, sobretudo, de micro-ondas. Verificou-se que, nesse último setor, de toda a América Latina, era o Brasil que possuía o maior potencial de expansão, prevendo-se sua ampliação na porcentagem de 17% no ano de 1997 e o seu crescimento no milênio seguinte, ao lado da China, Índia e Coreia do Sul.

De qualquer forma, os sistemas de computação seguiam aperfeiçoando os eletrodomésticos com o objetivo de monitorar, diagnosticar e controlar as suas funções. Nesses termos, eram fabricados, além dos fornos micro-ondas, os fogões a gás e os fornos elétricos, todos eles dotados de dispositivos que visavam proporcionar melhor controle da temperatura e das fases de cozimento. Outras características dos aparelhos de última geração eram a facilidade de instalação e de manutenção.

Em 1997, já existiam, no mercado, eletrodomésticos importados de grande sofisticação, acrescidos de uma capacidade total de armazenamento maior (até 760 litros), contida num único móvel. O jornal *Folha de S.Paulo*<sup>32</sup> anunciava as geladeiras freezer Whirlpool e a GE. Esta, por exemplo, era apresentada como "a melhor e mais bela geladeira do mercado mundial" e "o sonho de toda mulher sofisticada". Resultava numa grande despensa gelada e compacta, que incluía também a adega, e cujas virtudes mais notáveis consistiam em:

painel frontal computadorizado, digital, que monitora, diagnostica e controla suas funções; frigobar externo acoplado à porta direita; *dispenser* iluminado que fornecia muita água gelada, muito

Estados Unidos. Em 2012, 296 empresas brasileiras se desnacionalizaram. As consequências apontadas por Lopes têm sido as piores: "aumento colossal das remessas de lucros para o exterior, a elevação irracional das importações no mesmo período, a queda no investimento e no crescimento, a estagnação tecnológica e a desindustrialização da economia". Carlos Lopes, "Desnacionalização de Empresas Aumenta 42,3%, no Ano de 2012", *Hora do Povo*, São Paulo, pp. 1-2, 23-24 jan. 2013.

32. Denise Bacoccin, "Vendas nas Feiras Quadruplicam desde 92", *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1997; Antônio Carlos Seidl, "Venda de Eletrodomésticos Crescerá 17% na AL em 97", *Folha de S.Paulo*, São Paulo, pp. 2-3, 10 fev. 1997.

gelo em cubos e picado, na porta esquerda; portas com profundidade extra (*spacemaker*); sistema *frost free* (nunca necessita de degelo); compartimentos internos com controle de umidade para evitar a deterioração das verduras e legumes; amplo *freezer* com avançados recursos; sistema de alarme para a abertura de portas; recipientes para armazenar alimentos destinados ao micro-ondas; pintura texturizada de grande resistência; *rack*, armação ajustável para vinho; tecnologia ultra-avançada,

com o objetivo de não prejudicar a camada de ozônio, pois não continha clorofluorcarbono – CFC, a dizer: gás utilizado no sistema de refrigeração, um dos responsáveis pela destruição da camada de ozônio. Mas o próprio computador estava entrando na cozinha. Tanto para memorizar as receitas e realizar balanços como para fazer compras pela internet, a serem entregues em casa, as quais podiam ser efetuadas ainda pelo televisor ou pelo telefone, graças ao sistema de televendas. Esses serviços agilizariam as compras para o usuário, já que o livravam de sair de casa.

No Brasil, o micro-ondas só começou a ser utilizado depois de 1980, provocando uma revolução na cozinha<sup>33</sup>. Apoiado no congelador, transformou-se na grande vedete da cozinha moderna. Passível de ser programado, possibilita o descongelamento e o aquecimento rápidos da comida, em poucos minutos, em porções individuais ou não, mais o cozimento de assados no próprio recipiente onde eles se encontravam guardados. Tornou-se possível cozinhar no micro-ondas.

O congelador permitiu o armazenamento e a conservação dos alimentos e dos próprios pratos preparados por um longo período de tempo: de seis a doze meses. Ele e o micro-ondas representaram um grande passo adiante para a cozinha, pois vieram facilitar a vida da mulher que trabalhava ou estudava fora, uma vez que proporcionaram a liberação da presença constante da cozinheira e da própria dona de casa. De fato, o binômio congelador-micro-ondas agilizou a operação preparo e facilitou a operação limpeza. As geladeiras e os congeladores providos do sistema *frost free* dispensariam o degelo, existindo fabricantes que voltaram a fundi-los num só móvel.

Os novos aparelhos trouxeram consigo toda uma série de recipientes especiais de papel-alumínio, de vidro pirex, de cerâmica e de plásticos. Falamos de formas, saquinhos e *tupperwares* refratários, introduzidos para a conservação dos alimentos e para serem levados diretamente ao forno. As cozinhas integradas e planejadas continuavam como

33. O princípio básico das micro-ondas é o cozimento por vibração molecular, que penetram superficialmente nos alimentos, numa profundidade de dois a quatro centímetros, fazendo vibrar moléculas de água, gordura e açúcar, aquecendo-os. Estas conduzem o calor para moléculas mais profundas, as quais, por sua vez, vibram e se chocam com outras. Elisabeth Wey, *op. cit.*, 2007, p. 197.

a última palavra, propondo a racionalização do equipamento, sendo os revestimentos brancos e metálicos.

São novidades, como já foi dito, que determinaram grandes mudanças quanto às operações referentes a armazenamento e conservação; preparo e limpeza; cocção e serviço. A atividade relativa à limpeza ainda seria aperfeiçoada com o aparecimento de dispositivos autolimpantes em alguns aparelhos, além do Vaporetto<sup>34</sup>, produzido para a higienização da casa inteira por meio de jato e vapor seco, mediante a utilização da água pura, comercializado no Brasil desde 1993.

Para a cozinha, eram dignas de menção outras grandes inovações fabricadas a partir do equipamento tradicional. Vale a pena registrá-las aqui: fogão de quatro a seis bocas, com mesa plana de aço inox, para facilitar a limpeza, acendimento automático, *termo control*, forno com visor e autolimpante, prateleira autodeslizante etc.; purificador de ar e exaustor; geladeira ecológica (sem CFC); congelador *frost free*; forno micro-ondas, autolimpante, com dourador, menu bilíngue, dez níveis de cozimento, descongelamento automático, sensor digital de reaquecimento automático e autossensor; frigobar; lava-louças silencioso com seis programas; liquidificador com 750 Watts de potência; batedeira portátil, com três velocidades para massas; cafeteira; miniprocessador, que pica, emulsiona, tritura, bate e rala; torradeira; abridor de latas elétrico; faca elétrica; sanduicheira; forno elétrico; miniforno elétrico; chaleira e cafeteira elétricas, garrafas térmicas, *spray* anti-odores e um sem-número de bossas e invenções apresentadas anualmente nas UDs. Conviviam, no mercado, o multiprocessador de alimentos, repleto de peças: triturador, fatiador de legumes, moedor de carne; o modelo simples do liquidificador, com várias rotações; e o processador de frutas, com rotação no sentido horário e anti-horário. Uma onda nostálgica recolocava na moda o modelo de liquidificador dos anos 1950, com base de metal cromado e copo de vidro.

Em 1990, as famílias de baixa renda ampliaram o número de eletrodomésticos em casa. O arquiteto Carlos Stechhahn analisou um conjunto habitacional de baixa renda (97,7% do universo das famílias estudadas recebia de cinco a quinze salários mínimos) da Cohab: o Jardim Castelo Branco I, em Ribeirão Preto, estado de São Paulo. Verificou, então, que a TV em cores, o fogão e a geladeira constituíam os equipamentos básicos, existindo em todos os lares. Porém, foram acrescentados de inúmeros outros aparelhos como ventilador, 71,1%, rádio, 65,5%, automóvel, 50,0%, máquina de lavar, 47,7%, telefone, 42,2%, aparelho de som, 38,9%, máquina de costura, 18,9%, congelador, 13,3%,

34. A firma produtora do Vaporetto encerrou suas atividades no mercado brasileiro. Atualmente, a Skyvap está produzindo aparelhos eletrodomésticos com o mesmo processo.

moto, 10,0%, forno micro-ondas, 1,1%, havendo nesta última proporção piano, computador, interfone e vídeo<sup>35</sup>.

As cozinhas planejadas estavam introduzindo novos materiais, considerados ainda hoje como a última palavra. Salientam-se o Corian e o *medium-density fiberboard* – conhecido internacionalmente como MDF –, que são utilizados no Brasil graças ao equipamento importado. O primeiro é um tipo de plástico extremamente resistente, não poroso nem absorvente. Foi criado para laboratórios e hospitais, propiciando higiene absoluta e sendo passível de reconstituição. Sua patente pertence à norte-americana Du Pont, que o introduziu no mercado em 1967. É apresentado em chapas de um a dois centímetros de espessura, que substituem o tampo de mármore ou de granito. Mais pesado do que o aglomerado comum, o MDF possui altíssima densidade permitindo usinagem. Mas persiste a fórmica opaca, ao lado do aço e da madeira. Os estilos das cozinhas já se apresentavam como os mais diversificados: *clean*, *country*, regional francês ou italiano, em forma de I, U ou L etc. Estavam entrando na moda as cores claras, o branco de preferência, ou o clássico branco e preto. Conjugadas ou não com a sala de jantar e até com a área de serviço, as cozinhas modernas incorporaram a copa, perderam a despensa, substituída pela geladeira, pelo congelador e por um móvel destinado a guardar os enlatados. Em algumas, os nichos e os utensílios aparentes dispensaram os armários aéreos. Seja como for, as cozinhas se tornaram cada vez menores, apresentando os eletrodomésticos embutidos, ou o fogão instalado no meio do recinto.

A maioria das indústrias voltadas para a cozinha passou a proporcionar assistência técnica permanente aos clientes enquanto os projetos incluíram a possibilidade de atualização contínua. Mais do que nunca, a racionalidade dependeu do equipamento ultramoderno, ao qual os designers e fabricantes associaram o conforto à ideia de beleza e de sofisticação. Conforme Orlando Marques, assessor de Comunicações da Kitchens, que estava no ramo havia trinta anos, a ordem era vender emoção. A cozinha moderna conferia *status*. Para a indústria nacional, as últimas palavras na matéria eram a Euro Cucina, de Milão, Itália, e a Möbel Messe, feira do móvel de Frankfurt, Alemanha. Ambas continuam se realizando anualmente e seguem atraindo visitantes do mundo todo<sup>36</sup>.

Além das antigas UDs e das feiras internacionais, ainda existia espaço para outros eventos no ramo. Os resultados das pesquisas de mercado estimularam a criação da Casa

35. Carlos Stechhahn, *Projeto e Apropriação do Espaço Arquitetônico de Conjuntos Habitacionais de Baixa Renda*, tese de doutorado, São Paulo, FAU-USP, 1990.

36. A autora entrevistou o senhor Orlando Marques nos dias 2 e 6 de abril de 1998.

Cor, fundada em 1987, a qual se tornaria um dos maiores eventos de decoração dos interiores, expandindo-se por todo o Brasil e para o exterior. A proposta acabou despertando o interesse dos decoradores, arquitetos e paisagistas, e o apoio dos fabricantes de material de construção, que passaram a patrocinar o evento. A cada ano, ele atrai um número maior de visitantes, que começou com 6 700 e chega, atualmente, a 20 mil. Embora fiquem patentes os objetivos comerciais da Casa Cor, ela proporcionou o contato do grande público com os fornecedores e os profissionais cujos serviços são cada vez mais solicitados pelo mercado de consumo que, hoje, inclui a classe média, sobretudo no que diz respeito à montagem e decoração de apartamentos menores.

Ao mesmo tempo, as pesquisas de mercado seguiam demonstrando que não só as classes médias como também as populares estavam consumindo mais eletrodomésticos. Os aparelhos de TV vinham em primeiro lugar, seguidos de geladeiras, congeladores e fornos micro-ondas. Em 1996, o Brasil foi o terceiro país em termos de compra de televisores (comprou 7 milhões de unidades), tendo perdido apenas para os Estados Unidos e o Japão<sup>37</sup>. Os relatórios das redes das principais lojas vendedoras de eletrodomésticos, como Casas Bahia, Arapuã, Ponto Frio, G. Aronson, Bernasconi etc., apoiadas no sistema de crediário e vendas a prazo para as classes C e D, atentaram para o fato de que, em 1996, venderam 30% mais do que em 1995<sup>38</sup>. Dois anos depois, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE constatou que o micro-ondas já se fazia presente em 24,4% dos domicílios pesquisados em seis regiões metropolitanas<sup>39</sup>. Contudo, o comércio especializado observou que a maioria dos usuários subutilizava o micro-ondas, pois não apreenderam a cozinhar nele. Doravante, devia disputar o mercado um forno micro-ondas da CCE que trazia a programação de sessenta receitas na tela. Bastava apertar uma tecla e fazer o que ditava a máquina. Por outro lado, os gastos com a compra de produtos congelados que, em 1969, eram de 1,87% do orçamento familiar, em 1994, aumentaram para 6,04%.

Como resultado, multiplicou-se o potencial do mercado brasileiro de eletrodomésticos e, com ele, o número de marcas de cozinhas planejadas e lojas de varejo, voltadas para todas as classes sociais.

A onda de otimismo que caracterizou a economia do final do século XX complementou-se com o desenvolvimento do agronegócio. Nos últimos vinte anos, o con-

37. Ricardo Grinbaun, "A Nova Estrela das Vitrines", *Veja*, São Paulo, ano 29, ed. 1 470, n. 46, pp. 132-133, 13 nov. 1996.

38. "Negócios", *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 1997, Caderno 2, p. 1.

39. Célia de Gouvêa Franco, *op. cit.*, 6 abr. 1999, p. 6.

junto de atividades relativas à cadeia produtiva do trabalho agropecuário, que se estende até a comercialização, tanto interna como externa, transformou-se na locomotiva da economia nacional. O Brasil passou a primeiro produtor e exportador de café, de açúcar, do álcool, de sucos de frutas, e um dos maiores de milho e de feijão, e lidera o *ranking* das vendas externas de soja, carne bovina, frango, tabaco, couro e calçados de couro. Em 2007-2008, o agronegócio respondeu por 33% do PIB nacional, 42% das exportações totais e 37% dos empregos brasileiros, 17,7 milhões dos quais só no campo. Lembremos que hoje o Brasil dispõe de 388 milhões de hectares de terras agricultáveis, férteis, de alta produtividade, aquecidas pelo sol abundante de norte a sul, irrigadas por chuvas regulares e por 13% de toda a água doce do mundo.

Graças às pesquisas na área de tecnologia, ocorreu a expansão da indústria de máquinas e implementos agrícolas, que apresentam soluções sempre mais aperfeiçoadas, desde a preparação do solo até o plantio e a colheita. Com cerca de quatrocentos fabricantes de equipamentos, previu-se que o setor se consolidaria no ano de 2010, assim que houvesse acomodação da economia, recém-saída da crise de 2009. De fato, o agronegócio segue como o principal motor econômico, bem como a tendência a fusões e aquisições entre as empresas, por falta de capitais. Em 2007, a norte-americana AGCO, dona das marcas Massey Ferguson e Valtra, adquiriu a Sfil, de Ibirubá, Rio Grande do Sul, fabricante de plantadeiras e semeaduras. A John Deere continua competindo no mercado, fundada em 1837, nos Estados Unidos, e, no Brasil, desde 1979, a qual não descarta realizar parcerias com as multinacionais<sup>40</sup>. No Brasil, o grupo Case conta com três montadoras: Iveco, Case e Fiat, dezesseis fábricas e 36 mil funcionários, e atua também na produção de componentes, na prestação de serviços e na área das finanças. Em 2009, seu faturamento no país foi da ordem de R\$ 30 bilhões, o que mostra o bom êxito das fusões<sup>41</sup>.

Esses e outros fabricantes de máquinas e implementos agrícolas vêm lançando as maravilhas da tecnologia do setor na Agrishow, feira que se realiza anualmente em Ribeirão Preto, São Paulo, com o objetivo de ser uma “vitrine de tecnologia” e “essencialmente de negócios”. Com ela, almeja-se alavancar a produtividade, realizando-se demonstrações de campo. A Agrishow teve início em 4 de maio de 1994, nos moldes da Farm Progress Show, dos Estados Unidos, e da Expo Chacra, da Argentina, após

40. “Fusões e Aquisições Devem Consolidar Segmento de Implementos Agrícolas em 2012”, disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/jsp/default.jsp?>, 13 nov. 2009; “Agronegócio no Brasil”, Brasília, abr. 2012, disponível em: [http://www.agricultura.gov.br/arg\\_editor/file/Ministe...](http://www.agricultura.gov.br/arg_editor/file/Ministe...), acesso: 23 jan. 2013.

41. Dirceu Portugal, *op. cit.*, 2 mar. 2010.

algumas iniciativas ocorridas em Uberaba, Minas Gerais, e Londrina, Paraná. Em 2004, começou a ser dividida em três grupos: agricultura empresarial, agricultura familiar e pecuária. A 17ª Agrishow, apresentada de 26 a 30 de abril de 2010, na cidade de Ribeirão Preto, exibiu bens de capital e implementos fabricados por 730 expositores de 45 países e recebeu 140 mil visitantes, numa área de 360 mil m<sup>2</sup>. Em 2011, a 18ª Agrishow mostrou tratores de maior potência com relação à anterior, e a ênfase incidiu no setor sucroalcooleiro. No ano seguinte, o crescimento foi de 13%, sempre procurando evidenciar a tecnologia de ponta das máquinas agrícolas<sup>42</sup>.

42. “Histórico”, Agrishow, disponível em: <http://www.agrishow.com.br/A-Feira/Sobre-a-Feira>, acesso: 13 jun. 2010; Agrishow 2012, disponível em: <http://gl.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/fotos/2012/04/veja-fotos-da-agrishow-2012.html>, acesso: 23 jan. 2013; Marchesan – Agrishow 2012, disponível em: <http://www.marchesan.com.br/index.php?option=view>, acesso: 23 jan. 2013.